

FEIRA LIVRE COMO ESPAÇO NÃO FORMAL NO ENSINO DE BIOLOGIA

Thayse Ancila Maria de Melo Gomes¹

RESUMO

O estudo investigou o potencial educativo das feiras livres como espaços não formais no ensino de biologia, explorando sua contribuição para a construção de uma aprendizagem significativa e contextualizada. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com alunos do ensino médio da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, na feira livre conhecida como “Feirinha da Jatiúca”, ambas localizadas no município de Maceió, estado de Alagoas. A proposta de utilizar a Feirinha da Jatiúca como recurso pedagógico surgiu devido a sua proximidade física com a escola, o que torna a vivência com a feira cotidiana entre a comunidade escolar. As atividades, que ocorreram durante o período de 2024, tiveram como foco o estudo de botânica e incluíram visitas à Feirinha da Jatiúca, registros fotográficos e aulas práticas com os itens da feira, como frutas, folhas, raízes e caules. A partir disso, o estudo demonstrou que espaços não formais de ensino, como as feiras livres, são recursos pedagógicos eficazes que facilitam a compreensão de conceitos, tornando o aprendizado mais significativo e contextualizado. Os resultados indicaram maior engajamento dos alunos e melhor assimilação dos conteúdos, evidenciando como as feiras livres, ricas em diversidade, podem servir como espaços de aprendizado. A pesquisa também destacou a importância de utilizar ambientes diversificados como complemento ao ensino formal, estimulando a curiosidade e proporcionando uma aprendizagem dinâmica e interativa.

Palavras-chave: Ensino de biologia, Espaço não formal de ensino, Ensino por investigação, Feira livre.

INTRODUÇÃO

A botânica, ramo da biologia que estuda as plantas, ocupa um papel fundamental no contexto escolar, por permitir a compreensão das interações ecológicas, dos processos fisiológicos e da importância das plantas para a manutenção da vida no planeta. No entanto, o ensino tradicional dessa área, muitas vezes centrado na memorização de conceitos e classificações, pode se tornar abstrato e desvinculado da realidade cotidiana dos estudantes, dificultando o engajamento e a aprendizagem significativa dos conteúdos.

Essa dificuldade se agrava quando o ensino ocorre exclusivamente em ambientes formais, como a sala de aula, sem a mediação de experiências práticas e contextualizadas. Nesse sentido, torna-se necessário repensar as estratégias pedagógicas e buscar alternativas que aproximem o conteúdo científico da vivência dos alunos e de seus contextos socioculturais.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora de Biologia na Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (Seduc AL), thayse.gomes@professor.educ.al.gov.br.

Uma das possibilidades para romper com a lógica tradicional do ensino de Biologia é o uso de espaços não formais de ensino, os quais se caracterizam como ambientes que, embora não pertencentes à estrutura escolar formal, favorecem experiências educativas intencionais, interativas e contextualizadas.

Segundo Gohn (2006), os espaços não formais representam oportunidades de aprendizado que ocorrem fora da escola, mas que dialogam com o conhecimento científico, social e cultural. Museus, parques, jardins, zoológicos, feiras livres e até mesmo espaços comunitários podem ser compreendidos como locais que ampliam o horizonte educativo, permitindo que o estudante associe o conhecimento teórico à prática social e cotidiana.

Nesse contexto, as feiras livres surgem como ambientes ricos para a promoção de aprendizagens significativas. Elas constituem espaços de convivência, de trocas culturais e econômicas, e de contato direto com a biodiversidade regional, pois reúnem uma grande variedade de produtos de origem vegetal, além de expressarem aspectos históricos, culturais e ambientais de uma comunidade. Moura, Silva e Silva (2023) destacam que as feiras não apenas apresentam uma vasta diversidade de espécies vegetais e animais, mas também se revelam como espaços geradores de conhecimento, nos quais é possível explorar conteúdos científicos de forma concreta, interdisciplinar e participativa.

A utilização pedagógica da feira livre no ensino de Biologia permite ao estudante reconhecer a ciência presente em seu cotidiano, estabelecendo conexões entre os conteúdos curriculares e a realidade que o cerca. Quando o aluno identifica na feira espécies vegetais que estuda na escola, compreende suas estruturas, funções e usos, o aprendizado torna-se mais dinâmico e significativo, conforme defendido por Ausubel (2003) em sua teoria da aprendizagem significativa, na qual o novo conhecimento adquire sentido quando é relacionado a saberes prévios e experiências pessoais. Assim, ao promover atividades que valorizam a observação, o diálogo e a experimentação, o professor atua como mediador entre o conhecimento científico e a vivência dos alunos, possibilitando a construção ativa do saber biológico.

Nesse sentido, este estudo foi desenvolvido com alunos do ensino médio da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, localizada em Maceió, estado de Alagoas, tendo como espaço educativo a Feirinha da Jatiúca, situada nas proximidades da escola. Essa proximidade física e social entre a instituição escolar e o espaço da feira foi um fator determinante para a escolha do local, uma vez que muitos estudantes já frequentavam o ambiente e reconheciam sua importância na dinâmica comunitária.

A proposta pedagógica consistiu em utilizar a feira como um recurso educativo não formal para o ensino de conteúdos de botânica, explorando a diversidade de frutas, folhas, raízes e caules. As atividades incluíram visitas orientadas, registros fotográficos e aulas práticas, nas quais os alunos puderam identificar estruturas, classificações e funções biológicas a partir dos próprios materiais observados.

A abordagem metodológica adotada baseou-se em uma perspectiva qualitativa, buscando compreender de que maneira a vivência na feira poderia contribuir para a aprendizagem significativa e contextualizada. Mais do que “transmitir” conteúdos, o objetivo foi despertar a curiosidade, estimular o olhar investigativo e desenvolver habilidades de observação e análise, características essenciais do ensino por investigação (CARVALHO, 2018). Ao interagir com o ambiente da feira, os alunos se tornaram sujeitos ativos do processo educativo, vivenciando a ciência de forma concreta, sensorial e socialmente situada.

Além disso, a proposta se alinha aos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância da contextualização, da interdisciplinaridade e da valorização dos saberes locais na construção do conhecimento científico. O documento orienta que o ensino de Ciências da Natureza deve possibilitar a compreensão dos fenômenos naturais e tecnológicos, promovendo o protagonismo dos estudantes e o desenvolvimento de competências que permitam a aplicação do conhecimento científico em situações reais (BRASIL, 2018). Nesse sentido, o uso de espaços não formais, como as feiras livres, representa uma prática pedagógica coerente com as diretrizes atuais da educação brasileira.

Dessa forma, a feira livre, ao ser inserida como espaço educativo, rompe com a visão tradicional de que o aprendizado ocorre apenas dentro dos muros da escola. Ela se transforma em um laboratório vivo, onde o conhecimento biológico pode ser observado, questionado e reconstruído. Além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos, essa abordagem contribui para a formação crítica e cidadã dos estudantes, ao valorizar o conhecimento popular, a sustentabilidade e a diversidade cultural. Portanto, compreender a feira como espaço de ensino e aprendizagem é reconhecer que a educação científica deve dialogar com a vida, com o território e com a experiência cotidiana dos sujeitos.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar o potencial educativo das feiras livres como espaços não formais no ensino de Biologia, analisando como a vivência nesse ambiente contribui para a construção de uma aprendizagem significativa, contextualizada e investigativa. Busca-se, ainda, refletir sobre as possibilidades pedagógicas desse tipo de prática e sua relevância na formação de alunos críticos, autônomos e capazes de relacionar o conhecimento científico às realidades sociais e culturais que os cercam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação, na participação ativa dos sujeitos e na interpretação das experiências vivenciadas em um contexto real. Desse modo, buscou-se compreender de que maneira o espaço da feira livre poderia contribuir para a aprendizagem significativa dos conteúdos de Biologia, especialmente na área de botânica.

O estudo foi desenvolvido com uma turma do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, localizada no bairro da Jatiúca, em Maceió (AL). O trabalho foi realizado no âmbito do Programa “Professor Mentor, Meu Projeto de Vida”, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), que incentiva a formação docente e o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras na educação básica. A escolha da turma ocorreu de forma intencional, considerando o interesse dos alunos em atividades práticas e o potencial de integração entre os conteúdos curriculares e o cotidiano escolar.

As atividades pedagógicas foram planejadas e executadas ao longo do ano de 2024, contemplando diferentes etapas. Inicialmente, foram realizadas aulas introdutórias em sala de aula, nas quais os estudantes revisitaram conceitos básicos de morfologia e fisiologia vegetal e animal, bem como discutiram a importância da biodiversidade e das relações ecológicas presentes no ambiente da feira. Em seguida, ocorreram as visitas de campo à “Feirinha da Jatiúca”, um espaço tradicional do bairro e muito frequentado pela comunidade escolar.

A feira foi escolhida como laboratório de aprendizagem devido à sua proximidade física com a escola e por integrar o cotidiano dos alunos, seja em seus trajetos diários, seja em seus hábitos de consumo e convivência.

Figura 1: Localização da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo e da Feirinha da Jatiúca



Fonte: Google maps.

Durante as visitas, os estudantes realizaram registros fotográficos e anotações de campo, observando diferentes espécies vegetais e estruturas. Esses registros foram utilizados posteriormente em sala de aula para a identificação e classificação dos organismos, favorecendo o desenvolvimento de habilidades investigativas e o diálogo entre os saberes científicos e populares. A metodologia proposta valorizou a observação direta e a interação com o ambiente, permitindo que os alunos se tornassem sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

Figura 2: Registro fotográfico dos alunos na visita de campo a Ferinha da Jatiúca



Fonte: arquivo pessoal.

Após a etapa de campo, foram promovidas aulas teóricas e práticas, nas quais os alunos analisaram os materiais coletados e discutiram suas características biológicas, relacionando-as aos conteúdos do currículo escolar. Como atividade integradora, realizou-se a confecção de uma salada de frutas, que teve o objetivo de consolidar os conhecimentos adquiridos sobre as partes das plantas utilizadas na alimentação e promover a interdisciplinaridade com temas relacionados à saúde, alimentação e sustentabilidade.

A análise dos resultados foi realizada a partir da observação das interações entre os alunos, do registro das atividades e das percepções expressas durante as aulas e visitas. A ênfase recaiu sobre os aspectos qualitativos da experiência, buscando compreender como a vivência em um espaço não formal de ensino contribuiu para tornar o aprendizado mais dinâmico, contextualizado e significativo. Assim, a metodologia proposta não apenas favoreceu o estudo dos conteúdos biológicos, mas também estimulou o protagonismo estudantil e o vínculo entre o conhecimento científico e a realidade sociocultural dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em três eixos principais: o papel dos espaços não formais de ensino na educação científica, a importância da aprendizagem significativa como perspectiva pedagógica e o ensino por investigação como abordagem

metodológica. Esses eixos teóricos sustentam a proposta de utilização das feiras livres como recurso educativo no ensino de Biologia, especialmente para a abordagem dos conteúdos de botânica, de forma contextualizada e integrada à realidade dos estudantes.

Os espaços não formais de ensino têm sido cada vez mais reconhecidos como ambientes complementares à escola, capazes de enriquecer o processo de aprendizagem e aproximar o conhecimento científico do cotidiano dos alunos. Gohn (2006) define a educação não formal como um conjunto de práticas educativas intencionais que ocorrem fora do ambiente escolar, mas que dialogam diretamente com os saberes sociais e culturais de uma comunidade. Museus, jardins botânicos, zoológicos, feiras livres e outros espaços públicos tornam-se, assim, ambientes de produção e socialização do conhecimento, estimulando a observação, a curiosidade e o senso crítico dos estudantes.

De acordo com Jacobucci (2008), os espaços não formais permitem uma aprendizagem mais participativa e contextualizada, na qual o aluno atua como sujeito ativo da construção do conhecimento. Essa característica é essencial para o ensino de Biologia, pois possibilita que o estudante relacione o conteúdo científico com fenômenos e objetos do seu cotidiano, desenvolvendo uma visão mais ampla sobre a biodiversidade e as interações ecológicas. No caso das feiras livres, a diversidade de espécies vegetais e animais comercializadas torna-se um excelente recurso para explorar temas biológicos como morfologia, fisiologia, alimentação, sustentabilidade e economia ecológica.

Outro fundamento teórico importante é a aprendizagem significativa, proposta por Ausubel (2003). Para o autor, o aprendizado ocorre de forma mais efetiva quando o novo conhecimento é relacionado com os saberes prévios do estudante, permitindo-lhe atribuir sentido àquilo que aprende. A feira livre, por estar inserida na vivência diária dos alunos, favorece esse processo, pois os conteúdos de Biologia passam a ter relevância prática e social. A partir da observação direta de frutas, legumes e produtos naturais, o aluno compreende conceitos biológicos abstratos e os associa à sua experiência pessoal, tornando o aprendizado mais concreto e duradouro.

Além disso, a proposta está alinhada à perspectiva do ensino por investigação, que, segundo Carvalho (2018), estimula o aluno a construir o conhecimento a partir da observação, do questionamento e da resolução de problemas. Essa abordagem possibilita que os estudantes desenvolvam habilidades científicas — como formular hipóteses, coletar dados, interpretar informações e tirar conclusões —, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e envolvente. Ao investigar as espécies encontradas na feira, por exemplo, os alunos passam a compreender a Biologia como uma ciência viva e em constante diálogo com a sociedade.

Por fim, cabe destacar que a proposta de utilização das feiras livres como espaço educativo também se articula com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta o ensino de Ciências da Natureza a partir da contextualização, da interdisciplinaridade e do protagonismo estudantil (BRASIL, 2018). Dessa forma, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa reforça a relevância dos espaços não formais no ensino de Biologia e a importância de metodologias que integrem o saber científico à realidade social dos alunos, contribuindo para a formação crítica, cidadã e ambientalmente consciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso das feiras livres como ferramenta pedagógica no ensino de Biologia, especialmente nos conteúdos de botânica, revelou-se uma estratégia eficaz para engajar os alunos e promover uma aprendizagem mais dinâmica, significativa e contextualizada. Ao integrar o conteúdo escolar com o cotidiano dos estudantes, o projeto conseguiu aproximar o conhecimento científico das experiências vividas, despertando o interesse pela botânica e estimulando a compreensão dos conceitos fundamentais de forma prática, sensorial e investigativa.

Durante as visitas à Feirinha da Jatiúca, os estudantes demonstraram entusiasmo e curiosidade ao observar a grande diversidade de produtos expostos. Essa experiência permitiu que os alunos reconhecessem, de maneira concreta, estruturas e funções biológicas das plantas, como folhas, caules, raízes, frutos e sementes. Esse contato direto com a biodiversidade favoreceu a assimilação dos conteúdos e possibilitou a construção de significados a partir da relação entre teoria e prática, o que está em consonância com a proposta de aprendizagem significativa defendida por Ausubel (2003), na qual o novo conhecimento se ancora em experiências e saberes prévios.

Além do aspecto cognitivo, observou-se um fortalecimento das relações interpessoais e do trabalho colaborativo entre os estudantes. As atividades realizadas em grupo, como a observação de espécies, o registro fotográfico e a confecção da salada de frutas, promoveram a cooperação, o diálogo e o compartilhamento de saberes, tanto científicos quanto culturais. Segundo Carvalho (2018), práticas pedagógicas que envolvem investigação e cooperação estimulam a autonomia intelectual dos alunos e contribuem para o desenvolvimento de competências científicas, como a capacidade de observar, questionar, formular hipóteses e interpretar dados.

Os resultados apontaram também uma melhor compreensão dos conteúdos de botânica, especialmente no que se refere à identificação e classificação das estruturas vegetais e animais presentes no cotidiano. Os alunos foram capazes de distinguir frutos de pseudofrutos, identificar diferentes tipos de caules, raízes e folhas, e compreender suas funções ecológicas e nutricionais. Além disso, o trabalho possibilitou reflexões sobre hábitos alimentares saudáveis e sobre a importância das plantas e dos animais na alimentação humana, promovendo uma abordagem interdisciplinar que articulou Biologia, Saúde e Educação Ambiental.

Outro aspecto relevante foi o aumento do engajamento e da motivação dos estudantes nas aulas de Biologia após a realização das atividades na feira. Muitos relataram que a experiência os fez perceber a presença da ciência em situações cotidianas, o que reforça a ideia de que o uso de espaços não formais de ensino amplia a percepção do aluno sobre o papel social e cultural da ciência (GOHN, 2006). Dessa forma, o ambiente da feira livre se configurou como um espaço educativo vivo, que proporcionou o diálogo entre o conhecimento escolar e o saber popular, contribuindo para uma educação científica mais inclusiva e contextualizada.

Portanto, os resultados obtidos evidenciam que o uso de espaços não formais, como as feiras livres, é uma prática pedagógica que potencializa o ensino de Biologia, favorecendo tanto o aprendizado conceitual quanto o desenvolvimento de valores relacionados à sustentabilidade, à alimentação saudável e à valorização da cultura local. A experiência demonstrou que, quando o ensino se estende para além dos muros da escola, o aprendizado torna-se mais significativo, participativo e conectado à realidade dos estudantes, cumprindo, assim, o papel formativo e emancipador da educação científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida buscou evidenciar o potencial educativo das feiras livres, especialmente as de frutas e verduras, como ferramentas pedagógicas no ensino de Biologia. A Feirinha da Jatiúca, localizada nas proximidades da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, foi utilizada como ambiente de aprendizagem, com foco no estudo da Botânica e na promoção de uma aprendizagem significativa, contextualizada e interdisciplinar. Ao longo da realização das atividades, ficou evidente que o espaço da feira, por sua riqueza em diversidade biológica, cultural e social, possibilita o desenvolvimento de práticas educativas inovadoras e alinhadas às demandas da educação contemporânea.

Os resultados obtidos demonstraram que o uso da feira livre como espaço não formal de ensino favoreceu uma aprendizagem ativa e participativa, estimulando a curiosidade, a

observação e a investigação científica. Os alunos se mostraram mais motivados e engajados ao perceberem a aplicação prática dos conteúdos estudados, associando o conhecimento científico ao seu cotidiano. Essa integração entre o ambiente escolar e os contextos de vida dos estudantes proporcionou uma compreensão mais ampla dos fenômenos biológicos e reforçou o papel da escola como mediadora entre o saber científico e o saber popular.

Além de contribuir para o ensino de Biologia, a experiência revelou o potencial interdisciplinar da Feirinha da Jatiúca, que pode ser explorada também por outras áreas do conhecimento, como História, Geografia, Matemática e Sociologia. A feira é um espaço que reflete aspectos econômicos, sociais e culturais da comunidade, permitindo abordagens que dialogam com temas como sustentabilidade, alimentação saudável, economia local e identidade cultural. Assim, propõe-se que a Feirinha da Jatiúca seja incorporada de forma mais ampla ao planejamento pedagógico das escolas da região, fortalecendo a relação entre educação e território.

Do ponto de vista pedagógico, a utilização de espaços não formais de ensino reafirma a importância de práticas educativas que ultrapassam os limites da sala de aula e aproximam o aluno da realidade concreta. Tais experiências tornam o aprendizado mais significativo e favorecem o desenvolvimento de competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular, como a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a capacidade de aplicar o conhecimento científico em diferentes contextos. Dessa forma, a prática realizada dialoga com uma concepção de educação transformadora, que reconhece o estudante como sujeito ativo na construção do próprio saber.

Recomenda-se que novas pesquisas e projetos pedagógicos explorem o potencial educativo das feiras livres não apenas na Biologia, mas também em outras disciplinas e níveis de ensino, valorizando o cotidiano dos alunos como ponto de partida para o aprendizado. Além disso, é pertinente sugerir investigações que abordem o aspecto histórico e cultural da Feirinha da Jatiúca, tema ainda pouco explorado em produções acadêmicas, mas essencial para compreender sua relevância como patrimônio sociocultural da cidade de Maceió.

Portanto, conclui-se que as feiras livres, quando reconhecidas como espaços educativos, podem contribuir significativamente para uma educação mais contextualizada, participativa e humanizadora. A experiência relatada reafirma que o ensino de Biologia – e, de modo mais amplo, o ensino de Ciências – ganha profundidade e sentido quando se estabelece o diálogo entre o conhecimento científico, o território e a vida cotidiana dos estudantes.



AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa; à Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo/Seduc AL e à Feirinha da Jatiúca pela colaboração e ensinamentos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CARVALHO, Anna (org.). **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

GOHN, Maria. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

JACOBUECCI, Daniela. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008.

MOURA, Claudiana; SILVA, Maria; SILVA, Edneide. Feira livre como tema gerador de conhecimento no ensino de ciências. *In*: Congresso Nacional de Educação, 9, 2023, João Pessoa. **Anais...**, João Pessoa: 2023.